



**DESCULPA
LA, O ZÉ...
MAS
CONTINUAS
A SERVIR
DE PAU DE
BANDEIRA**

**TA BEM, FILHO...
DEPOIS O CUNHAL
EXPLICA-TE ISSO...**



OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Michel Jobert, que foi antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, publicou agora as suas memórias.

E tem coisas lindas! Como talvez se lembrem — ainda não foi há muito tempo — o senhor Jobert foi o delegado francês à Conferência de Washington, aquela conferência em que Kissinger queria alinhar uma "Nova Carta do Atlântico" uma organização de consumo com a América, a Europa e o Japão, para negociar com os países produtores de petróleo.

Jobert não concordou. E diz ele agora que quando se recusou a aderir ao grupo de consumidores "houve cenas terríveis, fúrias e palavras excessivas", e que ele, Jobert, "ouve tudo na mais perfeita calma".

E quando os jornais puseram em grandes títulos a sua oposição à proposta do suave e irascível Kissinger, Jobert disse-lhe: "Tenho que lhe agradecer. Eu não sou nada, mas o Sr. com as suas explosões faz-me uma enorme publicidade. . ."

Esta podia ir para a secção do Humor Negro, se não se passasse com personalidades políticas. Foi o caso de que em Buenos Aires um comando de "montoneros" (Peronistas da Esquerda) roubou o caixão com o cadáver do antigo presidente da república Argentina Eugénio Aramburu.

Parece que o azar persegue até depois de morto o pobre do presidente. Ele tinha sido raptado (quando era vivo) em Maio de 1970 pelos extremistas da esquerda peronista que o assassinaram, e tinham-no enterrado num local secreto.

Tempos depois as forças da ordem descobriram o local e trouxeram o corpo para Buenos Aires, para o cemitério de La Recoleta.

Agora aquele comando assaltou o cemitério, e um grupo de vinte homens e mulheres dominaram as guardas e coveiros, roubaram outra vez o caixão do desgraçado presidente meteram-no numa camionete e levaram-no para local desconhecido.

E agora declararam que só o entregam se lhes derem os restos mortais de Eva Peron, que se diz terem desaparecido. Pobres mortos, que nem depois de mortos têm descanso. . .

Só para arreliar os países capitalistas, como eles dizem, os Russos anunciaram agora que os preços na Rússia se mantêm muito estáveis.

Enquanto por toda a parte, na Europa, na América, no Oriente e outros lados parecidos toda a gente anda a queixar-se de que os preços sobem, a Agência Noticiosa TASS, veio agora declarar que os preços, na União Soviética se mantiveram no mesmo nível nos últimos sete anos e mais: que estão agora 25 por cento mais baixos do que em 1950.

Uma pequena excepção, que irá certamente afligir muita gente: o caviar e as bebidas alcoólicas estão mais caras.

Mas para compensar as rendas de casa mantêm-se estáveis e por exemplo os preços dos bilhetes do metropolitano são ainda os mesmos de quando este começou a funcionar: em 1935.

Como se vê, esta é mesmo para gozar com o pagode. . .

COMUNICADOS

DO PARTIDO DOS DUVIDOSOS (P.D.D.)

Parece que talvez pudessemos informar que não seria talvez má ideia, a gente abrir as inscrições para as eventuais filiações de poucas, muitas ou algumas pessoas que ainda não estão bem certas ou seguras ou convencidas por qualquer dos outros partidos existentes na actual conjuntura ou situação presente.

O partido que poderíamos formar, se para isso achassemos que talvez valesse a pena poderia ser assim a maioria (mas a barulhenta, ouviram?) concordasse ou pelo menos não discordasse abertamente, chamar-se o Partido dos Duvidosos, ou então o Partido Hesitante Português. Também se pensou na designação de Base dos Indecisos Partidários, mas por fim verificou-se que ficava com a sigla B.I.P. que não parece neste momento muito aconselhável, porque esse partido está muito a abanar.

Como se compreende ainda não estamos muito seguros do que será melhor fazer, se fazemos partido ou ficamos só rachados, se convirá mais aos nossos interesses unir os nossos esforços, ou disfarçar até nova ocasião.

Se nos formarmos agora, uma coisa tem que ser certa, dentro de tantas incertezas que nos assaltam: é que como somos muitos, estando mesmo em crer que somos a maioria, temos que fazer muito barulho, por causa das confusões.

E isso de fazer muito barulho é que nos aflige, porque nós somos todos muito sossegadinhos.

Vamos a ver se a gente se resolve. Por agora, o melhor é estar quieto, a ver em que param as modas.

DO PARTIDO MAIS LINDO (P.M.L.)

Informa-se que lamentavelmente continua o silêncio sobre os anseios que temos demonstrado e que ao princípio parecia que nos ia dar uma liberdade total. Afinal os homens, esses inconsistentes, continuam como sempre a porem-nos de lado, quando isso não é, como se sabe a posição que mais nos agrada.

Pede-se a todos os interessados no reconhecimento dos direitos que nos são tantas vezes prometidos e depois negados, que se unam muito apertadinhos para uma acção feliz.

OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR SILVA NOBRE

PROPRIEDADE HUMBERTO S. NOBRE

Redacção, administração e composição

Rua Conde de Redondo n.º 12-2.º - LISBOA
Tel. 53 85 85 - 53 79 49
4 86 68 - 56 31 58

Impresso na LISGRÁFICA, S.A.R.L.

Distribuído para todo o país por Agência Portuguesa de Revistas - Rua Saraiwa de Carvalho - Lisboa



RAI'S MA PARTA!
LA DEIXEI OS
COMILOES NO
BIDE...



PU-PU
POPUUUUUU

CRONICAS
MEDIEVAIS

A OUTRA DINASTIA

EL-REI

— Briolanja! Briolanja! Senhora minha! Acudide prestes, que importantes novas hei hora mesmo recebido!

D. BRIOLANJA

— Credo, homem, que tão alto gritaides! Acaso estaides olvidado que importa deter a poluição sonora?

EL-REI

— Quero lá saber da poluição! Poluido e mal pago estou eu!

D. BRIOLANJA

— Não sejaides ordinário! E dizeide-me que vou aflege! Tendes alguma cólica na tripa?

EL-REI

— Minha pobre senhora, esposa e companheira! Que irá ser de nós, que futuro nos reserva o destino? Que vai ser de nós?

D. BRIOLANJA

— Ó homem, acalmaide-vos que vos pode dar uma coisa! E dizeide que novas trágicas foram essas que recebesteis! Acaso haveis recebido algum convite para irmos passar férias a Caxias?

EL-REI

— Pior, muito pior do que isso! Trágico destino nos está reservado! Ó malfadados servidores que eu tive, e que depois de tanto bem lhes ter feito, memorderam o seio como cobras venenosas!

D. BRIOLANJA

— Senhor, com certeza que estaides com os copos. Nunca vos ouvi falar desse jaez! Não torneides a beber dessa cachaça que tanto vos transtorna!

EL-REI

— Ouvide, senhora minha, e vereides a razão que me assiste, melhor, que nos assiste! Vereides o enxovalho que nos hão feito, e o negro futuro que nos espera!

D. BRIOLANJA

— Senhor, começai-me a acagaçar! Quereis dizer que no nosso antigo reino se está urdindo alguma conjura para nos cadaverizar?

EL-REI

— Antes o fizessem, senhora minha, antes o fizessem! Poderíamos assim morrer heroicamente pela nossa posição, na sagrada defesa dos nossos princípios!

D. BRIOLANJA

— Bom... morrer, morrer... morreide vós, se quiserdes! Cá por mim não tenho interesse nenhum em esticar o meu real pernil!

EL-REI

— Pois ireides ficar pior do que isso! Ireides tombar no olvido!

D. BRIOLANJA

— Credo, senhor! Lagarto, lagarto, que eu até posso partir uma gâmbia! Não me deixei mais tempo na incerteza expectante e ansiosa! Assentaide o vosso real trazeiro nesse escabelo, e encostaide a vossa cabecinha ao meu ombro e choraide! Seguro que as coisas não serão tão más...

EL-REI

— Então escutaide. Sabeides que durante muitos anos fomos celebrados, nós e todos os da nossa real casa, como os verdadeiros pilares do Poder no nosso país...

D. BRIOLANJA

— Sim bem o dizeides: nós e os nossos amigos, muitos dos quais eram como sabeides de Peniche!

EL-REI

— De Peniche ou de Caxias, tanto faz. Eram os nobres da minha corte. E como muito bem sabeides, já ouvi dizer não sei aonde que é força que entre os mesmos portugueses...

D. BRIOLANJA

— Alguns pilantras houve muitas vezes, já sei. Pregaram-vos alguma partida?

EL-REI

— E que partida! Imaginaide só, que alguns desses nobres de meia tijela ora refugiados em terras do reino de Castela, decidiram proclamar uma nova monarquia!

D. BRIOLANJA

— Uma nova monarquia? E onde poderiam eles ir descobrir um novo monarca?

cont. na pag. 10

Crónica nortenha e o mais que à rede venha

TRIPAS AO SOL

DESINFECÇÃO, PRECISA-SE

Nos dias 8, 9 e 10 do mês hoje findo, foi tornada pública a existência de alguns "problemas" no Leça F.C., que, não sendo propriamente "graves", são pelo menos sintomáticos em relação à "edificante" mentalidade "desportiva" que ainda reina.

Primeiro, referiram-se "desinteligências" entre o presidente, Sr. Mendes da Costa (a primar por "uma ausência continuada") e o secretário-técnico (afastado), Sr. Custódio Antunes, "uma dedicação ao clube", cujas "forças actuaentes" se acham, porém, atentas, estando para breve uma assembleia geral, "para esclarecimento da situação e possível recuperação de Custódio Antunes". Em contraste, tudo OK nas "estruturas materiais": obras do pavilhão a decorrer "em bom ritmo" e inauguração do estado prevista para Março.

Veio, em seguida, a terreiro o Sr. presidente, acentuando que o Sr. Custódio Antunes pediu "livremente" a dupla demissão de vice-presidente da Comissão Pró-Estádio ("fundamentalmente" porque a Comissão mandou executar uma fossa asséptica para servir o pavilhão "num dos seus terrenos e sem seu conhecimento") e de secretário-técnico (quando foi informado que as ofensas ao treinador Miguel Arcanjo em Ponte de Lima lhe eram destinadas e se preparava "uma forte reacção", inclusivé com risco "da sua integridade física"): A ausência presidencial era "por motivos de saúde", "sobejamente conhecidos" dos colegas. A inauguração do estádio, essa, estava "nebulosa" e prevê-la para Março constituía "maravilhoso optimismo". Quanto à "mobilização de figuras gradas" para recuperação do Sr. Custódio Antunes, ignorava-a e opor-se-lhe-ia, face ao "comportamento desonroso" daquele, com injúrias e ameaças a um dos directores.

Finalmente, disse de sua justiça o Sr. Custódio Antunes: 1. apenas pediu a demissão da Comissão Pró-Estádio e "sem invocar motivos"; 2. deixou o cargo de secretário-técnico "por amor ao Leça" ("ao qual tem dado muito do seu património e do seu tempo"...), depois do presidente lho sugerir "visto 80 por cento da massa associativa ser contra ele", o que é falso, até porque o treinador continua "a ser insultado e vaiado"; 3. sabe que o presidente pediu a demissão "mas não tem conhecimento de que seja por doença"; 4. "só a Comissão Pró-Estádio se pode pronunciar se, sim ou não, o estádio do clube pode ser inaugurado em Março próximo ou até antes"; 5. é um facto a tentativa da sua recuperação pelas "figuras gradas".

Amigos leceiros, só duas sugestões: façam a tal assembleia geral (com ou sem "figuras gradas") e construa mesmo a tal fossa DEVIDAMENTE ASSÉPTICA, QUE TUDO ISTO ESTÁ, NA VERDADE, A "CHEIRAR MAL"...



UM MORINEGRO

O CANGALHEIRO

O Serafim tinha estado desempregado mais de seis meses. A sua vida tinha ido a descer todos os degraus desde a relativa abundância de chefe de serviços numa fábrica, até ao lugar de segundo caixeiro num depósito dum antigo cliente, para depois passar a vendedor numa fábrica modesta de brinquedos que acabou por também o despedir.

E tudo por uma simples razão: O Serafim tinha por pouca sorte sua uma cara verdadeiramente fúnebre. Triste e lugubre, sempre cambisbaixo e melancólico, estava bem de ver que o Serafim nunca poderia ser um grande exemplo do que vence na vida como se diz nos panfletos dos cursos por correspondência, pela sua exuberante personalidade.

Porque a personalidade do Serafim era uma personalidade triste, e quem estava meia hora ao pé dele começava logo a pensar em todas as tragédias e calamidades deste mundo, na intensidade da má sorte, e em tudo que lembrasse uma tristeza sem fim.

Foi talvez por isso que o último emprego do Serafim — o tal de vendedor de brinquedos — durou menos tempo. As crianças quando viam o Serafim à porta de casa a vender brinquedos até pensa-

vam que era o homem do saco e fugiam assustadas.

E, como disse, o Serafim ficou desempregado mais de seis meses.

As contas atrasadas ainda mais se atrasaram, e a triste família do triste Serafim já não tinha sombra de esperança num futuro que fosse melhor.

Até que alguém lembrou ao Serafim a possibilidade de um emprego que lhe poderia servir às mil maravilhas: o de cangalheiro.

No rosto do Serafim quase despontou a sombra dum sorriso: ao menos aí não era preciso sorrir para trabalhar.

E até era melhor não sorrir, que era uma coisa que ele não gostava — ou tinha-se desacostumado — de fazer.

Nos primeiros tempos, o Serafim deu boa conta do recado. O seu ar de eterno proscrito dos prazeres da vida, ia bem com o seu novo emprego. E embora ainda lhe fizesse um bocadinho de impressão andar a mexer nos mortos, tirá-los das

camas onde tinham esticado os respectivos pernis, para os meter nas embalagens de casa onde trabalhava (A Agência Funerária no Caixaão é um Descanso) a pouco e pouco foi-se acostumando, e daí a algum tempo até já quase lhe apetecia sorrir, quando o mandavam para novo serviço, que lhe renderia mais uns tantos patacos.

A pouco e pouco o Serafim foi en-direitando a vida e pagando os atrasados. E chegou uma altura em que já conseguiu começar a pensar na possibilidade de fazer uns daquelas férias portuguesas, preços desde 340\$00 por pessoa, que nunca tinha feito.

— Com mais alguns enterrozinhos... é canja! — dizia ele com os seus botões.

E vieram mais alguns enterrozinhos. O Serafim tinha finalmente encontrado a sua verdadeira vocação.

E depois de combinar com o patrão uns dias de licença, para ir com a patroa até a um hotel dos arredores — coisa que só tinha ido há cinco anos atrás — ficou a pensar que mais uns pataquitos não fariam diferença nenhuma: e concordou em ir tratar de mais um mortozito, porque sempre eram mais uns centos de escuditos que vinham a calhar, para as gorjetas da viagem.

IN CULTURA GERAL

Ora meus ilustres alunos e fidelíssimos leitores, eu vou hoje ensinar-vos a receita da popularidade.

Não julquem que é grupo: é mesmo assim. Mas para poderem obter essa popularidade com que sempre sonham, os meus amigos terão de se preparar para arrostar com lutas infundadas e extremamente perigosas...

Até aqui há uns anos atrás, para se poder ser célebre, bastava fazer qualquer coisa ma-

luca, assim como atravessar as cataratas do Niagara em cima dum arame, ou dar a volta ao mundo sentado em cima dum tronco de árvore, ou ir a Áfri-

Se a pessoa tinha azar, e se caía do tal fio sobre as cataratas do Niagara, vinha no dia seguinte no jornal a dizer que "um maluco qualquer tinha

carranchado no tal tronco, e um caranguejo lhe tivesse mordido o dedo do pé, o mundo quando muito saberia que tinha sido recolhido ao largo do Bugio em desgraçado todo molhado que naturalmente tinha caído na véspera dum cailheiro.

E assim sucessivamente.

Porque antigamente era muito difícil alcançar os penhores da notoriedade.

Agora é fácil, e eu vou ensinar-lhes como é.

Mas torno a avisá-los: os perigos são tremendos. Os meus amigos que se quiserem meter nisso, terão que ter nervos de aço, coragem até vir a mulher da limpeza, e de preferência uns patatuquês guardados de preferência num banco daqueles lá da Suíça que não perguntam pela certidão de idade do depositante.

E aqui está o que podem fazer, se quiserem ser célebres:

É começarem a escrever artigos de polémica política, ou se preferirem de política polémica.

Dá sempre resultado. Não interessa que vocês não percebam nada de política.

Nem sequer interessa que vocês não saibam escrever.

Basta que digam mal daquilo que quase toda a gente acha que está bem, ou que muito ao de leve vocês comecem a tratar o "Ó Tempo... volta p'ra trás..."., para terem imediatamente uma data de jornais, jornalinhos, jornalcecos, folhas, folhinhas e folhecas e quejandos afins a disputarem a vossa duvidosa prosa, e a darem-lhe em quilos de tinta e em rolos de papel mais ou menos higiénico, o abrigo da celebridade a que vocês aspiram.

Se depois disso vocês completarem a obra com uma ou outra reuniãozinha onde botem fala, e se mostrem muito circunspectos e compreensivos para com os erros da vida portuguesa actual, então vocês estão garantidos.

Ninguém vos tira um lugar na galeria das notabilidades deste século. Mas tenham cuidado: talvez também ninguém lhes tire um belo dia do ombro uma valentíssima (e merecidíssima) carga de porrada...

A CELEBRIDADE

caçar um leão, e trazê-lo para cá, para toda a gente ver.

Mas mesmo assim, essa popularidade nunca era muito grande nem muito profunda.

tentado uma aventura louca e tinha ridículamente caído à água".

Ou então se tivesse querido dar a volta ao mundo es-

BARRACADAS

A merecer honras de barracada, poderemos esta semana falar das obras que são obras nas nossas ruas.

É claro, as ruas precisam de voz em quando ser arranjadas: ninguém nega isso. Principalmente quando elas têm os pavimentos tão magrinhos, tão delgadinhos que até faz dó. Porque se o leitor vir uma rua em obras — é claro que vê, mais aqui ou mais ali — e vir o "tampo da rua" no perfil do buraco que os homens tenham aberto, para pôcanos ou seja lá para que fôr, repara que tem ao de cima uma camadinha de alcatrão ou lá o que é, depois outra camadinha de pedra miúda, e outra de pedra mais grossita. A seguir (para baixo, claro) é terra. De boa terra que até parece mesmo boa para batata.

Claro que com tão delgada camadinha, e com tantos carros, carrinhos e carrões a passar-lhe por cima, aquilo tem que dar de si.

E depois é preciso arranjar. Tá certo.

O que já não parece tão certo é o tempo que elas demoram a arranjar.

Porque isto é mesmo assim: a rua está má, a rua está cheia de buracos, não se pode andar nesta rua, isto assim dá cabo dos carros e enche-se de poças de água no inverno, e é uma chatice, e porque torna, e as pessoas refi-

lam, e nunca mais se arranja a rua...

Até que um dia, claro. Um homem não é de pau. A rua vai para arranjar.

BURACOS NA RUA

Mas vai para arranjar, como deve ser. E como deve ser demora tempo.

Roma e Pavia não se fizeram num dia, e se vocês que-

rem a rua arranjada, meus amiguinhos, paciência, têm que dar tempo ao tempo.

A primeira coisa é pôr-lhe à frente uma grande rodela

branca debroada a encarnado. P'rai com um metro de diâmetro, que é para se ver bem ao longe.

E pronto: aí agora só se

passa até, e é por favor. Os carros que vão dar uma volta ao bilhar grande ou à azinhalha que ficar mais perto, porque aquela rua vai-se arranjar.

Quando é que está pronta? Oh homem, como é que você quer que eu saiba?

Deixe lá que quando estiver pronta, a gente logo diz. Nem é preciso dizer! A gente tira a tal rodela branca debroada a encarnado, e pronto: aí tem o meu amigo uma rua-cort. na pag. 14



CONSULTÓRIO SENTIMENTAL

SOLTEIRONA RABUJENTA — Não me dizem o que é que eu possa fazer para arranjar marido? Assim como assim gostava de experimentar...

RESPOSTA — Pelo que nos diz, quem não gostaria de experimentar seriam eles. O melhor é pôr um anúncio num jornal diário durante seis meses. Se quiser a gente trata disso, que até nos habilitamos à comissão.

CRIADA DE FORA — Tenho estado a hesitar entre aceitar namoro ao marçano aqui do meu prédio ou a um moço giríssimo que tem um Porche. Que me aconselham?

RESPOSTA — Não seja trouxa. Escolha o marçano, porque ao menos sempre tem presentes de morfós. Quanto ao automóvel, há para aí muitos. E trinta e um de boca nada vale.

SENTIMENTAL — Escrevo-lhe porque me parece que a minha namorada desde que veio de férias quase não me fala. Eu bem não queria que ela fosse sozinha, mas ela teimou e agora não sei o que pensar.

RESPOSTA — Não tem muito que saber. Ela foi de férias, e também o pôs a si de férias. Ponha escritos e arranje outra que essa rebentou.

CONJUNTOS MUSICAIS para todo o país

A J

Rua F, Lote 1, R/C-B
Olivaes Sul — Lisboa 6
Telefone 316354

DESCARADAMENTE Julieta

Um folhetim
por **Estêvão**

PROPOSTA DE CASAMENTO

Julieta sentia-se a criatura mais mísera e infeliz do mundo e todo o seu infortúnio era causado por Jerônimo. Durante o tempo a que ela se referia agora como "os bons tempos", ele explorava-a até ao último centil e aplicara-lhe correctivos tão inesperados como violentos. A pobre e atordada borboleta de Sodré perguntava-lhe:

— Mas porque é que me bate?

E ele, muito homem:

— Porque é costume.

Bons tempos, bons tempos, recordava Julieta. Na sua loucura, chegara a pensar que o "chauffeur" podia casar com ela e levá-la para longe daquele ambiente que começava a cansá-la.

— Se nós casássemos... — dissera ela, uma vez.

Jerônimo rira. Casar com ela! Que coisa burda. Se um dia pensasse em aliar o seu destino ao de uma mulher pelos laços do matrimónio, iria procurá-la na sua terra, num lar recatado, ignorante das impurezas do mundo! Julieta escuta esta afronta com lágrimas nos olhos. Podia perder a esperança desse casamento...

Depois, "A Setúbal", invejosa dos seus amores, resolveu aliciar Jerônimo com propostas tentadoras. Ele andava a perder tempo com uma franjinha, não via isso? Num abrir e fechar de olhos, secamente, o motorista da condessa de Rampopello trocou a rapariga de A-de-Fome pela fogaosa sadina que, em matéria de ganhos, não tinha ninguém que com ela competisse. Além disso, era animada, conflituosa, enchia a vida de um homem semi-ocioso.

Numa noite de chuva caudalosa, ininterrupta, apareceu no bar um homem novo, de boa aparência que dava mostras de extremo nervosismo. Chocou de encontro a uma rapariga, ia derrubando uma bandeja, nas mãos de um dos criados, e acendia os cigarros atrás dos outros. Por fim, sentou-se ao balcão, pediu um "Whisky" e começou a falar sozinho, em voz baixa. Por coincidência, Julieta encontrava-se ao seu lado e, na ocasião, dilacerada pelo amor, compreendia melhor todos os que lhe pareciam sofrer.

— O senhor está muito nervoso. Não esteja. A vida são dois dias.

— Agradeço-lhe de todo o meu coração as suas bênçolas e fraternas palavras de encorajamento e consolo — disse o homem num tom pomposo — nas horas amargas da existência, sempre tenho encontrado nos estranhos a palavra amiga que adoça o fel das experiências e aquece a alma.

— Sente-se mal? — Inquiriu Julieta que já o classificava como um doido varrido.

— Muito mal! — aquiesceu ele — Penso no grande golpe que a etnologia vai sofrer e soffro, soffro, soffro!

— A etno... quantas? Ele há mulheres com cada nome.

O homem sorriu, benevolente:

— Permita-me, minha cara senhora, que a esclareça. Etnologia. De "ethnos" e "logos". Ciência das raças, dos povos. Sou etnólogo, etnógrafo, como queira.

— Desses — comentou Julieta — só ouvi falar do antropólogo. É a mesma profissão?

Ele tornou a sorrir, deliciado:

— Permita-me que a cumprimente pelo seu espírito. Hoje em dia, na sociedade, perdeu-se a prática de uma costoso "calembour"...

— Cã por mim, prefiro os "hamburgers" — cortou Julieta, muito a sério.

— Oh! — exclamou o etnólogo, encantado — Vossa Excelência é a personificação da graça, do espírito, da inteligência feminina. É Madame de Pompadour e Madame de Stahel numa alma só.

— Essa Pompadour não é uma que tem uma loja?

A esta observação, o cientista soltou uma enorme gargalhada descontraída e bem disposta.

— Entrei neste local de divertimentos, doente, amarfanhado e Vossa Excelência curou-me. Os meus sinceros agradecimentos. Talvez Vossa Excelência me possa informar acerca de quem procuro. Conhece um tal Jerônimo, motorista da condessa de Rampopello?

Ao ouvir o nome exarado e amado, Julieta quase se desequilibrou no seu lugar.

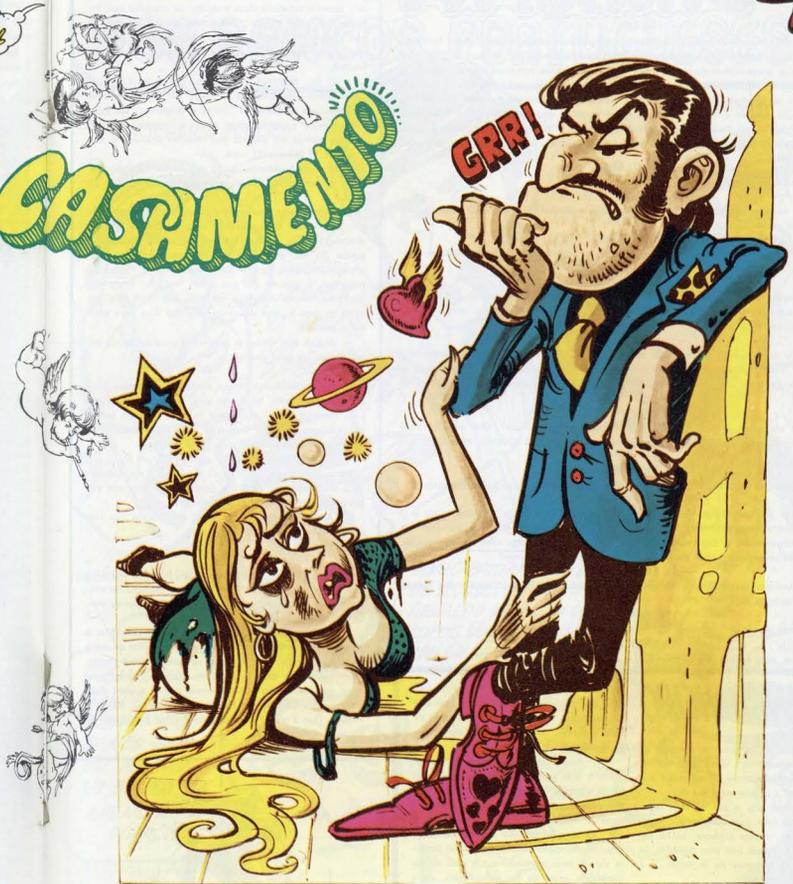
— Quem não o conhece! Esse homem é um patife!

— Estamos de acordo minha senhora. E permita-me que me apresente. Sou — disse, tirando um cartão de visita da carteira — Eduardo Beltrão Segismundo e Segismundo, neto da condessa de Rampopello e oitavo barão de Fonte da Telha e Pó.

— Que talhel pensou Julieta.

Minha excelente avó que aqui entre nós é um grande estaferno, uma diplopmana e uma extravagante sempre me ameaçou deserdar pelo facto de eu não ter contraído matrimónio, assegurando descendência varonil à casa dos Rampopello.

cont. na pag. 14



A OUTRA DINASTIA

cont. da pag. 4

EL-REI

— Isso não sei! Mas a verdade é que já declaramos em públicos pasquins que tinham formado uma nova corte, e tinham proclamado um novo rei! Imaginae só, senhora minha, que descrédito por os pregaminhos da nossa nobre corte! Já bastante tinhamos sofrido quando o defunto secretário D. António da Calçada tinha a mania que o reino era todo dele, e nem me deixava meter o nariz noutra lado que não fosse o lenço a que limpava o pingo! Mas esse ao menos deixava-me sempre o título oficial de rei, e permitia que eu gozasse dos faustos da minha corte. Agora estes! Terem o sumo desdencamento de proclamarem uma monarquia de meia tijela, e de mais a mais com o título de nobres concedido a antigos esbirros da minha pídica guarda real!

D. BRIOLANJA

— Ai os grandes filhos da pidae! E onde é que eles vão reinar?

EL-REI

— Não sei, não sei! Mas seja lá aonde fôr, é uma pouca vergonha! Vão cobrir de suas nódoas o sagrado manto da minha realza!

D. BRIOLANJA

— Deixe lá, senhor meu esposo! Se vos sujarem o manto eu própria o limparei bem presto!

EL-REI

— Ah, vós também acreditades nos glutões! Mas olhaide que glutões como estes não se farão com duas cantigas! E irão certamente lançar o descrédito sobre o meu reinado! Dirão que eu fui um mau rei...

D. BRIOLANJA

— Meu amado e senil esposo, agora soides vós quem estaides a reinar! Quem se atreveria a dizer tal coisa? Toda a gente sabe em todo o mundo que o vosso reinado foi o mais sábio, o mais inteligente, o mais amoroso, o mais belo de todos os reinados, desde Átila até ao Adolfo!

EL-REI

— Agora soides vós quem estaides a reinar! Que pretendes insinuar? Que eu não reinei bem? Quereides dizer que esse grupo de dissidentes nobres poderá governar melhor do que eu?

D. BRIOLANJA

— Senhor, teredes que reconhecer que para governar eles terão por certo bastante prática!

EL-REI

— Terão bastante prática? Então no meu reino, e numa dinastia que no nosso país ia já celebrar o primeiro cinquentenário, nós nunca permitimos que ninguém se cansasse nas pesadas lides da reinação, e tinhamos nós o trabalho todo das duras lides da governação, como é que esses sevandijas podem vir dizer que têm prática de governar?

D. BRIOLANJA

— Talvez não tenham muita prática de governar. Mas não tenhades dúvidas, meu amado so que muita ~~verem~~ de...

EL-REI

— De quê, não me dizeides?

D. BRIOLANJA

— De se governar, meu senhor. De se governar, e governar à grande!

ESTE MUNDO LOUCO EM QUE VIVEMOS

Por. MIM



Um médico americano, o Dr. Demartino, apresentou agora o relatório dum trabalho de pesquisa que lhe levou dez anos a fazer, e segundo o qual ele declara que conseguiu avaliar a relação existente entre a inteligência das mulheres e as suas respectivas capacidades sexuais.

O Dr. Manfred Demartino, que é psicólogo da Universidade de Siracusa (Estado de Nova York) concluiu que as mulheres "muito inteligentes" são mais aventureiras, experimentam mais, e inovam mais do que as outras no campo das relações sexuais, e isto desde os 16 até aos 61 anos.

E conclui dizendo que o seu (delas) período máximo de actividade sexual se situa entre os 20 e os 29 anos.

Estará tudo muito bem. Será isso tudo que ele diz. Mas o que eu gostava de saber é como é que ele descobriu tanta coisa. Bem sei que o seu "trabalho" durou dez ele, dez anos. E pelos resultados que apresenta, vê-se bem que o Dr. Demartino se fartou de trabalhar. É que ele diz que o seu "estudo" visou 327 mulheres, o que lhe deve ter dado um "trabalho" de cerca de uma mulher diferente cada dez dias, para estudar e analisar.

Alguns dos senhores quererá ir para assistente de-le? É que ele deve precisar...

No Luxemburgo estava ainda até há pouco tempo em vigor uma lei muita gira: verificado qualquer caso de adultério — e julgado — a lei previa a prisão das mulheres durante três anos, e a dos homens (se fossem eles os adulteros, claro!) por um ano.

Ao que parece a lei foi abolida porque havia graves divergências de opinião que diziam que era indecente a discriminação entre os castigos aplicados aos homens e o que era dado às mulheres.

Assim ao menos com a lei abolida, já não têm que se queixar nem uns nem outros.

Viva a folia!

E na Suíça? Vocês leram que aqueles senhores quiseram votar uma lei para reduzir o número de emigrantes de um milhão, para meio milhão, e correr com o que estivessem a mais.

Claro, na sua casa, mandam os donos dela. Mas o giro foi o caso de quatro raparigas empregadas de mesa num restaurante, que puseram na parede desse restaurante um cartaz com os seguintes dizeres: "Quem quer casar conosco para nos podermos tornar suíças? Para informações dirija-se ao balcão. Gerti, Sonia, Maria e Hilde". Que é o que se chama resolver os problemas de caras... e caras giras.

OCANGALHEIRO

cont. da pag. 6

Quando lá chegou, encontrou — como era costume — a viúva banhada em lágrimas e escancarando os pulmões aos quatro ventos a proclamar a sua dor.

O Serafim pôs o seu ar mais compungido, e foi falar com a senhora:

— Então, minha senhora, tenha paciência! Estas coisas não têm remédio, já se sabe... lá havemos de ir todos... é preciso conformar-se...

A viúva é que não se convencia com as tradicionais frases. E respingava:

— Mas eu não posso admitir isto! Eu não suportei isto! Eu não quero viver de pois disto!

— Pronto, minha senhora, pronto! — Disse o Serafim a olhar de surrelfa para o

relógio e a ver que estava a atrasar o serviço — que há-de a senhora fazer? Tem que ter paciência, bem vê! Isto é o destino de toda a gente... nós afinal não somos nada, é verdade...

— Pois é por isso mesmo! eu não suportaria a vida sem o meu querido defunto! Eu já tomei a minha decisão: vou-me matar! Não quero viver sem o meu querido! Quero ir com ele!

O Serafim pensou um momento, e seguindo ainda a técnica que tinha durante tantos anos nortado a sua vida de comerciante antes de ser cangalheiro, viu a oportunidade e não a deixou passar:

— Bom, minha senhora... a senhora fará o que entender: mas acho que talvez lhe agrade saber que se a nossa casa de encarregar de dois funerais em vez de um, podemos fazer-lhe um desconto de dez por cento...



ORA CONTE-NOS: TEM O SEU DINHEIRO NOS BANCOS PORTUGUESES?

FUNCIONÁRIO PÚBLICO

TENHO O
QUÊ?
DINHEIRO?
AONDE?
VA' GOZAR
COM O
D. PEDRO!

ASSALTANTE

PORQUE É
QUE NÃO
HAVIA DE
TER?
NUNCA TIVE
DIFICULDADES
EN LEVANTA-LO!

DESEMPREGADO

QUEM NÃO
TARDA A
RESIDIR NO
BANCO SOU
EU MESMO.
NO BANCO DA
AVENIDA,
ELARO...

TENHO BASTANTE NO BANCO
DE S. JOSE. QUANDO O MEU
ARVALDO VEM COM UNS
COPPOS VOLTA NÃO VOLTA LA
VOU EU LA PARAR E ELES
NÃO FIAAM.

DONA DE CASA

ISSO É PARA OS PELIN-
TRAS QUE POÊM LA AS
POUPANÇAS. A MINHA
FUNÇÃO É APLICA-
LAS NO PROGRES-
-SO DO POVO...

ERA O QUE FALTAVA!!!
O "MEU"? LIVRA!!!
O "MEU" TA' NA
SUIÇA!!!

BANQUEIRO

CAPITALISTA



No século dezanove, a vida, o romance e o teatro criaram uma imagem romântica e boémia dos artistas e muito em especial dos pintores que berbericavam absinto, vestiam roupas lustradas, habitavam em águas-furtadas e expunham ideias que provocavam arrepios no dorso anafado da sociedade burguesa. A sua vagabundagem consistia em muitos sonhos e nemumas costoletas de carneiro, em muito talento e pouca recompensa material, em pertinaz entrega à Arte, enfrentando sanções de opinião e enormes dificuldades. Eram as personagens de Murger, o espírito aventureiro de Gauguin, em demanda da Polinésia, a orelha cortada de Van Gogh, a loucura, o génio, o inconventionalismo. Essa longa geração de iconoclastas e extravagantes fazia a glória de Paris onde um poeta, Baudelaire, passava com uma lagosta pela trela e havia notícias de um outro, Xavier Fernellet, que se fechara numa torre gótica a tocar violino enquanto esperava a chegada da morte. Ah, os artistas, pensavam as multidões, eram uns bizzaros idealistas!

Em Portugal, pelo mesmo tempo, desolado com a escassez pictórica, soltava António Nobre a sua célebre lamentação interrogativa: — "Que é dos pintores do meu país estranho — Onde estão eles que não vêm pintar?" — Esta pergunta só teria resposta no século seguinte, nos nossos dias, quando uma inenarrável multidão de pintores, grossa e implacável como uma forte bíttega de água, com boina ou sem boina, todos de pincel parisiense, de paleta fucurada e cavalete de Tróia, às portas do Tempio de Bezerra de Ouro, responderam numa alacre algavariada:

— Estamos aqui, Calouste Gulbenkian!

Explícita esse grande mestre do fantástico que foi o Padre António Vieira, no admirável "Sermão da Domingo Vigésima Segunda", que "a arte da pintura... começou depois do incêndio de Tróia". Em Portugal, não foi preciso haver uma cidade. Bastou que Calouste Sarkis Gulbenkian morresse em Lisboa, legando boa parte dos seus milhões às Artes plásticas. E como Clío era a Musa da história, Terpsicora a da dança e Caliope a da poesia épica, tornou-se Calouste à Musa ou o Apolo Musageta da pintura lusitana! A sua Fundação representou para os pintores o que o Eldorado significava para os pesquisadores de ouro: o início de uma nova era de prosperidade. Claro que tendo as minas um labirinto de galerias, a pintura também teve as suas, galerias de Arte, onde os mineiros do "gouache" escavaram quanto puderam... Eles que em tempos de penúria tinham mal-sinado o grosseiro e pavoroso capitalismo, a estupidez da gente endinheirada, reconciliavam-se agora, espectacularmente, com a alta-finança, a Bolsa, a Banca, a sociedade de Cascais. Os estranhos e inconventionais artistas convertiam-se em lacaio de magnates, o que contava não era a pintura mas um "vernissage" arqui-burgues, com muito "whisky", bolinhos de ovos e tapas de caviar, a exposição numa galeria elegante e rendosa, bem freguesada, onde as presenças dos casacos de "vison" lhes bastavam para se ufanarem de terem atingido o zénite do triunfo social. Era a çaça ao escudo, ao prestígio, a çaça ao beberete inaugural, recheado de carteiras de pele de crocodilo e cépticas viscondessas que, perante quadros surrealistas e abstractos,

emitiam o nobre parecer: — "Eu adoro estas macacadas. São tão queridas!" — E os pintores desliviavam aos bicos dos pés, em sorrisos corteses, todos eles vestidos com tecidos ingleses, gravatas inglesas, maneiras inglesas e jornais ingleses com a cotação da libra e do franco suíço!

Foi uma época fértilmente no mundo da pintura portuguesa e da inflação marcelista. Brotavam catadupas de novos pintores como carochas depois da chuva, neste caso uma generosa chuva de ouro que a todos parecia inesgotável. A pintura era o melhor investimento de capital, valorizava-se rapidamente, um metro quadrado de "gouache" alcançava preços que superavam os dos terrenos do litoral algarvio. A atoarda desta prosperidade espalhava-se pelo país, todos queriam pintar, os próprios guardadores de rebanhos, com manhas de Giotto, proclamavam aos progenitores: — Eu não quero guardar cabras! Eu quero ser daqueles senhores pintores dos oísques e das biscondessas!

Depois, quando a verdade voltou ao nosso país, o mercado fictício da pintura desmoronou-se. Oferece-se agora aos pintores um tempo de meditação, de amadurecimento, de trabalho sem características industriais. Sobreviverão os de verdadeiro talento. Aos outros resta a lembrança da glória passageira e o eco distante dos baídos do Bezerra de Ouro.

E quando acordar de novo a pergunta lamentosa de António Nobre: — "Que é dos pintores do meu país...?" —, talvez esse mesmo Bezerra lhe possa dar a grande resposta: — "Mê... Mê...!"

Pois é. Vocês julgam que é muito fácil fazer entrevistas. Eu queria que vocês tivessem passado o que eu passei para fazer esta...

Toda a gente sabe que um dos maiores problemas nacionais é o da ingricola.

E por isso eu achei que o que era preciso era entrevistar alguém que me dissesse o que se passava realmente nesse campo. E fui por aí fora, à procura dum pequeno lavrador, ou pelo menos dum trabalhador rural...

Quando cheguei a Beldroegas-de-Cima, perguntei ao merceeiro lá da venda:

— O senhor pode indicar-me onde é que eu posso encontrar um trabalhador do campo?

O homem olhou-me desconfiado e perguntou:

— Oiça lá, mas o que é que vomeço quer? Tem batatas p'ra semear?

— Não senhor, sabe... eu sou jornalista. Quería fazer uma entrevista com um trabalhador do campo, e lembrei-me...

— Pois lembrou-se muito mal. Aqui em Beldroegas-de-Cima havia pelo menos uns dez, aqui há tempos atrás. Mas depois...

— O que foi? Tiveram algum desastre?

— Nã senhora! Mas olhe deu-lhes assim a modos que uma brotoeja, e acabaram!

— Todos?

— Nã senhora! Ficou o ti Zé Cocho.

— Mas o que é que aconteceu aos outros?

— Olhe, se quer que le diga, é já nin sei se m'alem-

OS CAMPOS



bro. Mas p'los modos foram trê lá p'ras Franças. Olhe, um foi intê o Squim Antoino, qu'intê veio cá nas vacanças. Diz que tá lá muito bem, e qu'intê já nin trabalha nos campos.

— Ah não? Então que faz ele?

— Tem assim a modos que um restorante de luxo com fado e bailarinas. Diz que tem muita freguesia porque há lá muntos nabos e ele governa-se muito bem!

— Puderá! Como trabalhava no campo, já tinha muita prática de trabalhar com nabos...

— Pois é. Osposis havia o Manel das batatas, que tinha ali umas courelas p'ros lados do cemitério, e que também se foi embora. Esse acho que foi p'ra Lisboa, e tem agora uma taberna onde se joga às cartas...

— Batota?

— Pois. Sabe agora quando a gente aqui fala nele já nem

diz o Manel das Batatas: diz o Manel das Batotas...

— Mas então... Quem é que cultiva os campos?

— Ora... Os campos? O campo melhor que a gente cá tem é o campo da bola.

E a gente tem cá o Beldroegas de Cima Sport Clube que até já esteve para ir p'ra primeira classe...

— P'ra primeira divisão?

— Nã senhora, p'ra primeira classe mas era da Tele-escola! Sabe é que os rapazes nã sabiam ler e faz muita falta, a instrução!

— Mas as culturas...

— Pois! As culturas é que são a instrução!

— Mas então aqui na terra ninguém trabalha na terra?

— Trabalha, sim senhora! Já le disse que trabalha o ti Zé Cocho!

— Ah ele é o único agricultor?

— Nã senhora: ele é o coqueiro. E depois como nin sempre há mortos para enterrar,

e le sempre vai asemeando umas couvitas que a ti Jaquina vende ali no lugar.

— Mas então o senhor não acha que era melhor arranjar mais gente para arranjar os campos? Está p'ra aí tudo abandonado...

— Atão nã tá? Mas é isso mesmo qu'eu tou farto de dezer a estes matarroanos!

Atão a gente tem aqui tantos campos tão bons, que tão p'ra qui sim dar nada, e a gente podia também ganhar tanta massa com eles!

— Pois claro! Fico muito satisfeito por ver que ainda há pessoas que sabem dar o devido valor aos campos...

— Tá claro que há! Aqui tou eu que sou um deles! Atão diga-me lá: nã é um dó d'alma ver estes campos assim detitados ao desleixo? Atão a gente nã podia fazer aqui mais um ou até mesmo dois campos de futebol para dar mais valor aqui ás Beldroegas de Cima?



Se não pensares o que tu pensas que os outros pensam que tu pensas, talvez os outros não pensem que tu pensas o que eles pensam que tu pensas. (Isto parece complicado mas, não é...)

Entre o homem e a mulher não há só aquelas diferenças que se sabem. Daí, continuar o interesse de ambos pelo desconhecido...

Nem só a ordem dos factores (em certos casos...) é arbitrária. Há muito mais coisas arbitrárias neste mundo!

Pôr-se no bico dos pés pode não tornar o baixo mais alto mas, não fora tal recurso, e muito boa gente seria ainda mais pisada!

Se os cravos são a flor da época, os "cravos" são de todas as épocas!

Tristezas podem não pagar dívidas mas, se um tipo andar sempre alegre e satisfeito nunca ninguém lhe aumenta o ordenado!

Do patrão prepotente ao patrão camarada, vai só uma distância de meses... em certos casos!

POR AIRM



BURACOS NA RUA

cont. da pag. 7
zinha nova em folha, a estreiar.

Quê? Você com a demo-rá já se esqueceu onde é que esta rua ia dar?
Ora valha-me Deus, homenzinho! Vocemecê é mesmo distraído! Mas olhe, ainda vai gostar mais. Quando já lá estiver a rodela branca de-broada a encarnado, meta-se por ela. Assim um bocado a medo, claro porque a gasolina não está para florestrias. Mas depois de andar um bocado vai ver que se lembra, e que até é uma rua que lhe vai fazer grande jeito. Então, já se lembra?

Tenha paciência. E para a outra vez não se queixe dos buracos...
PAG. 14

DESCARADAMENTE Julieta

cont. da pag. central

— Devia ter casado. — comentou a rapariga — É um homem perfeito.
— Por um lado, asoberbavam-me os meus estudos sobre os beduinos e "tuaregs". Que mulher quereria viver comigo no deserto, numa tenda de campanha?
— Tenho algumas amigas que costumam acampar na Caparica e ao lado da linha de comboio, em Vila Franca. Algumas gostam.
— Em suma — terminou Eduardo Beltrão Rampopello — minha avó, o grande estafermo, está a morrer e quer fazer testamento ao Jerónimo. Venho à sua procura para dissuadi-lo de aceitar uma fortuna que só a mim me cabe.

Julieta ia tornando a cair do seu banco. A ideia de que Jerónimo podia herdar uma enorme fortuna e partilhá-la com a "Setúbal", transtornava-a.
— Isso é horrível! — exclamou — O senhor deve casar quanto antes!
— Mas onde vou encontrar a estas horas da noite uma mulher que queira casar comigo e viver entre os beduinos?
Após um silêncio dramático, ela disse num tom de extraordinária nobreza:
— Essa mulher está ao seu lado!
Ele ficou sem fala. Depois, num gesto galante, beijou-lhe a mão.
— É verdade que me quer dar a felicidade de ser a futura condessa de Rampopello e oitava baronesa de Fonte da Telha e Pó?

— Sim, Eduardo Beltrão!
Ele pagou à pressa, ajudou-a a descer do banco.
— Não temos tempo a perder. Vamos já para o palácio de minha avó. Se o Jerónimo chega primeiro... E espero, ó, espero, que minha avó não se oponha ao nosso casamento. É muito "snob".
Uma vez na rua, tomaram um táxi e partiram à desfilada.
A condessa de Rampopello já teria morrido? Já fizera testamento a favor de Jerónimo?

Continua no próximo número.

ALFREDO & MÁRIO MOURA, LDA
VENDE

B.M.W. 2002	1973	Fiat 125	1970
Audi 100 LS	1972	Volkswagen L	1972
Fiat 124 R	1972	Triumph Spitfire	1971
Ford Cortina GXL	1972	Opel 1900 Diesel	1969
Ford Capri 1600 GT	1971	Hillman IMP	1967
Ford Cortina XL	1972	Opel Kadett	1966
Renault R 10	1967	Ford Capri 1300 L	1973
Morris Clubman	1970	Fiat 128 Station	1973
Ford 17 M 4 portas	1970	Fiat 850	1972
Simca 100 GLS	1971		

FACILITA SE TROCA E PAGAMENTO
Rua Barão Sabrosa, 324-A — Tel. 712667

rebola. bola

Pô é. Andam para aí sempre uns chicos espertos a dizer coisas, mas depois lá no campo é que são elas. Quando o Sporting perdeu com o Olhanense, toda a gente disse que parecia impossível, que era uma vergonha, que não havia direito, que estava o mundo roto chovia nele como na rua.

E depois o Sporting também teve levado do Guimarães: está visto! Cá temos a velha fábula do leão moribundo! E a recordação das gaitas estridentes do ano passado em Alvalade, transformou-se apenas... numa grande gaita!

Pois é. Mas depois o Olhanense foi empatar com o Benfica, e... bom. Vamos lá que foi só para começar. Porque logo a seguir esse mesmo Olhanense foi a Setúbal abrir uma latinha de conservas, e comeu-a muito satisfeito, fi-

cando no fim a lamber os beiços.

E o Guimarães? Bom. O Guimarães está só no topo da tabela. E mesmo que daqui a algum tempo perca o fôlego e saia de lá... como dizia a outra, antes rainha uma hora que duqueza toda a vida.

E essa hora de Primeiro nu-

Mas deixem lá: o Sporting vai ter uma equipa internacional de ciclismo. Ainda não se percebe lá muito bem para que é que serve, mas se calhar é para andar de bicicleta. Esperemos pelos primeiros e importantes resultados dessa Organização.

Talvez dê resultado...

reçam a fazer a ideia negra aos grandes, estes só podem ter um caminho: arranjar novas secções. E esta do ciclismo é boa ideia...

E vocês ouviram o "comentador" Nuno Braz, da TV do Porto a comentar o último jogo do Académico com o

COISAS

abela da primeira Divisão, já ninguém lha tira.

Então... e agora? Essas derrotas do Sporting com o Olhanense e com o Guimarães parece que já não são assim uma vergonha tão grande... Du ainda serão?

E deixem lá! O campeonato de futebol ainda vai no princípio. Talvez lá mais para diante as pessoas se comecem a interessar pelo ciclismo, se isto começa assim a serem os clubes mais pequenos que co-

Guimarães? O homem falou-se de dizer: "A Académica..." "Os estudantes" "Os escolares..." "A Académica..." E só uma única vez, ao fim do jogo ele se lembrou de dizer "O Académico". Ele saberá alguma coisa, que nós não sabemos?



PARA GRANDES MALES...

- trânsito...
- consumo...
- peso...

GRANDES REMÉDIOS!

A HONDA

AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, N.º 59 - B - TEL. 768913



SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)
TEL. 5624-11/10 LINHAS



A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS
MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"